

# EDUCAÇÃO, ÉTICA E PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS

**Prof. Aldo Nelson Bona**



curso de especialização em  
GESTÃO ESCOLAR

**Texto de Claudio Cesar Andrade**



# Caros alunos

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa *Adobe Reader 11*.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse pdf, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

**Boa leitura!**

# Índice



# Apresentação

## *Pensar a educação*

Lavra dos professores Aldo Nelson Bona e Claudio César de Andrade o e-book aborda a contribuição da filosofia na fundamentação da educação.

A educação, no sentido de conduzir, é uma das primeiras ações humanas, visto a necessidade sentida pelos mais velhos de proteger e preservar a vida dos mais novos e depois instrumentalizá-los para sobreviver no mundo natural.

Inicialmente, era um processo que tinha limite no momento em que o indivíduo tornava-se capaz de aprender a partir das próprias experiências, das vivências, dos erros e acertos.

Foi necessário ir além da simples condução quando os grupos humanos tornaram-se mais complexos, organizando-se socialmente para ter maior coesão, identidade e duração. Assim a educação assume a conotação de orientar, fazer respeitar o ethos e formar o caráter do indivíduo com vistas ao tornar-se melhor e estruturar organicamente a sociedade para o bem de todos.

Como ação cônica e racional, objetiva formar o homem na sua integralidade, corpo e espírito, essência que o coloca no topo entre os seres naturais, e lhe dá condições de formar comunidade regida por leis, valores e consciência social. Considerada sob estes direcionamentos, a educação é um compromisso que requer a participação de todos os componentes do estrato social.

Ao se voltar a atenção para a história do processo educacional no Brasil, percebe-se que ele se constituiu em motivo de preocupações e suscitou decisões, com vistas a sua efetivação. A educação brasileira tem um percurso caracterizado por hiatos, avanços e retrocessos, altos e baixos. Não é um caminho ascendente. É melhor ilustrado usando-se a metáfora da montanha-russa: chega-se ao ápice para, em seguida ser tragado por um vácuo sugador. Estes fazeres inscrevem-se nas mais diferentes ordens, que vão desde atitudes de diletantes, dotados de espírito prático, movidos por boas intenções mas



desprovidos de fundamentação pedagógica, passando por atos calcados em experiências educacionais exitosas e adequadas a um determinado tempo, chegando até a decisões impregnadas por propósitos ideológicos de condicionamento do educador e do educando. Com tantos percalços, em tempos recentes, chega-se à triste conclusão de que ao brasileiro a educação foi pouco oferecida, deixando a grande maioria destituída das condições humanas mínimas e à margem das conquistas científicas, econômicas e culturais que facilitam a vida e enobrecem o viver.

A trajetória da educação no Brasil é passível de análise crítica para que se extraia dela ensinamentos que permitem correção de rumo, levando ao abandono de atitudes comprovadamente perniciosas e negativas para a educação, e oportunizando o aperfeiçoamento de feitos e procedimentos, que se mostraram viáveis mas incompletos, incentivando a pesquisa e o estudo de metodologias que se adequem ao educando que vive uma experiência de vida específica, condicionada pelo momento histórico e pelos fatores econômicos, sociais e culturais peculiares a uma determinada época. Na verdade, num mundo em constantes transformações, da educação é solicitada constante atualização e aprimoramento para corresponder adequadamente aos objetivos e propósitos que lhe são específicos.

Para a transformação da educação em um saber científico, um valor formativo revestido da denotação humanística há que se colocá-la em questão. E, já desde os gregos, ela é pensada e adquire esta característica de um saber orientado para um fim.

Refletir sobre a educação, atualizar os procedimentos educativos para possibilitar ao educando participar ativamente na sociedade e vivenciar, de modo pleno, a condição humana de ser no mundo – mundo em evolução e mutação – é essencial a todos que a compreendem no sentido de formação do ser integral. Como ciência, não pode ser praticada de modo amadorístico mas executada por pessoas habilitadas, devidamente preparadas e conhecedoras de seu métier. E capacitar o educador é tarefa que se impõe à universidade.

É na linha reflexiva que se insere o trabalho desenvolvido pelo professor Claudio Cesar de Andrade, autor do texto apresentado neste e-book, complementado, com a devida anuência e salvaguarda dos direitos autorais, pelo professor Aldo Nelson Bona. A proposta dos autores é oferecer ao aluno do curso a distância a fundamentação teórica de alguns conceitos básicos que sustentam o pensamento educativo. Assim é que alicerçados principalmente na filosofia apresentam os conceitos de educação, ética e democracia, conceitos que se interligam, complementam-se e são consonantes, harmônicos, guardam intrínseca significação quando o visado é o homem em sua totalidade e dignidade. Os autores citam e comentam as conceituações de pensadores de diferentes épocas e orientações filosóficas, autores, tanto estrangeiros quanto brasileiros, de renome internacional, que discorrem sobre o assunto e que oferecem ao aluno visão ampla de construtos teóricos desenvolvidos em torno dos temas selecionados.

O segundo capítulo se fixa nas considerações de Jean-Paul Sartre e Martin Buber para ligar existencialismo e educação, ressaltando as ideias



precípuas da corrente filosófica que valoriza a autonomia, a liberdade e a relação com o outro para que o homem se constitua em sua totalidade e participe consciente e livremente da sociedade. Nesse aspecto releva o outro sujeito, o educando, chamado a constituir-se agente de sua formação.

Com a leitura do texto é possível àqueles que se dedicam à educação ter um conhecimento plural sobre os temas tratados e aprimorar as próprias atividades educativas em que se empenham.

*Ruth Rieth Leonhardt*



# A RECUPERAÇÃO DOS CONCEITOS: FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO, ÉTICA E DEMOCRACIA

NOTAS

José Murilo de Carvalho em seu livro 'Pontos e Bordados: escritos de história e política' fez uma defesa pertinente sobre a importância de travarmos uma correta discussão conceitual em todos os campos do conhecimento. Escreveu:

Há momentos, no entanto, que o acúmulo de pesquisas passa a ter rendimento decrescente porque as idéias começam a girar em roda, sem conseguir avançar devido às confusões ou imprecisões conceituais. Nesses momentos, convém parar para revisão e tentar esclarecer conceitos e teorias. (CARVALHO, 1996, p. 130).

Assim, fazer uma importante retomada acerca da imprescindibilidade de se trabalhar adequadamente os conceitos de educação, ética e democracia vem ao encontro do que quer se afirmar no corpo deste trabalho, afirmando que sem uma noção singular da ideia originária destes conceitos, para este nosso propósito, vitais, perde-se de vista a extensão e aplicabilidade dos mesmos. Para tanto discorreremos a seguir fundamentos que julgamos importantes para continuar nosso empreendimento.



## *Fundamentos da Educação*

Para fazer jus à importância da educação na contemporaneidade, e por entender que a palavra educação, ao entrar no discurso comum do mundo ordinário é atingida por constantes desvirtuamentos e sua vulgarização nem sempre corresponde à clara concepção pela qual foi inicialmente pensada, é que começamos com sua nascente originária. Entendemos ser vital apropriarmos de uma citação do educador Rubem Alves em um de seus fragmentos que tem a tarefa terapêutica de trazer de volta o princípio primeiro. Escreve:

O essencial na vida de um país é a educação. Se não me falha a memória, você estudou em colégio de padres e vai entender o que digo. No evangelho de João, está escrito que 'no princípio era o verbo'. 'Princípio', em grego, é a palavra filosófica, que não significa só começo no tempo, mas fundamento – aquilo que é a base do que existe. Acho que o autor sagrado não ficaria bravo comigo se eu fizesse uma tradução livre do seu texto para os tempos modernos: 'No princípio é a educação'. A educação, em essência, é precisamente isso: o exercício do verbo. (ALVES, 1998, p.1).

A essência da educação, nunca mudou. Assim como a distância de uma localização à outra sempre foi a mesma, sendo possível contudo, chegar por caminhos diferentes, com interesses diferentes em tempos diferentes. Nesse sentido, educação continua sendo “conduzir alguém para algum lugar”. Etimologicamente significa e-ducere, conduzir (ducere) para fora e no jargão comum temos as expressões ensinar, socializar, aculturar e até mesmo instruir. Em particular, a educação em nosso país passou por muitas transformações e mutações, e por esta razão, a admoestação de Rubem Alves tem muito crédito.

NOTAS



A educação, sobretudo nos dias de hoje, exige uma transversalidade sem igual, pois o processo educativo sempre visa a totalidade do ser humano em várias dimensões, seja afetiva, ética, técnica, intelectual, material e etc. Segundo Giles “educar é alcançar a pessoa naquilo que lhe é mais específico, no seu ser - humano, isto é, na sua intelectualidade, na sua afetividade, nos seus hábitos, para levá-la à realização de um ideal.” (GILES, 1983, p. 27).

Talvez, por esta razão Alain Badiou, filósofo marxista que problematiza a educação contemporânea, tenha defendido com bastante propriedade a interdisciplinaridade de campos fundamentais que poderiam otimizar o sucesso da ação pedagógica , a saber: o elemento amoroso (afetivo), o elemento político (finalidade), o elemento matemático (conteudístico) e o elemento artístico (metodológico).

Para nosso autor há quatro tipos de evento: amorosos, políticos, matemáticos e artísticos, o que define quatro campos fundamentais de ação humana: erótica, política, ciência e arte. Esses campos são aqueles em que se podem produzir verdades, o que nos leva à distinção entre verdade e veracidade. (GONÇALVES, 2008).

Para Edgard Morin, a educação é uma palavra forte e não pode ficar restrita à utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano com afirmam pedagogos de plantão. Para ele: “o termo ‘formação, com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito”. (MORIN, 2001, p. 11).



## *Fundamentos de ética*

Há centenas de trabalhos acadêmicos consistentes que versam sobre fundamentos éticos, conceitos éticos em seu sentido genealógico e etimológico, buscando o convencimento pela importância de sua arqueologia. Da mesma forma, registra-se um crescente acervo literário que tenta trazer de volta fundamentos que dizem respeito à matriz originária da humanização na tarefa pedagógica de recuperar a essência de seu propósito maior que é fazer com que o sujeito recupere o sentido das coisas e não se reduza a instrumentos e acessórios de coisificação. Em 'Ética e moral: a busca dos fundamentos', Leonardo Boff ao defender a ética do cuidado e da sobrevivência humana, problematiza: "que ética e que moral freará esse poder avassalador?" (BOFF, 2003, p. 10).

Não é o caso de fazer apologia a uma ética aplicada em área de conhecimento pontual, mas sim de revitalizar através do reencantamento necessário o retorno da essência da expressão. Inicialmente recuperamos o questionamento de Thugendhat que nos coloca o germe da atualidade da temática: "Por que ética? E o que é ética? Não poderemos nos contentar com uma representação qualquer ou indeterminada. (...) Por que afinal devemos nos ocupar com a ética?" (THUGENDHAT, 1996, p. 11).

Em um período de grande tensão entre a norma e o sujeito, entre mundo sistêmico e mundo vivido, entre heteronomia e autonomia, entre capital e ser humano, portanto a clarificação de um período de grande mal-estar resultando em uma crise de paradigmas e valores é sempre bom retomar o sentido primeiro da ética e sua singularidade em relação à moral.



Em vários momentos, Thugendhat emprega os termos 'ética' e 'moral' como intercambiáveis ou equivalentes, sugerindo que nos dias de hoje tal distinção não é imprescindível. Todavia, vários autores, ao tentar explicar aspectos singulares dos termos, utilizam-se da categoria de buscar na gênese o diferencial. (THUGENDHAT, 1996).

Ao revisitarmos o conceito primeiro, no que tange à ética, chega-se ao veredicto de Aristóteles sobre vícios e virtudes com investigações sobre o termo grego 'ethos'. Segundo Thugendhat, no latim o termo grego foi então traduzido por moralis, dando uma conotação de costumes. A filosofia, em si, em sua versão de totalidade, prefere o termo 'ética', este com mais abrangência.

Em especial, a contribuição grega advém dos diálogos socráticos, escritos por Platão, com o problema: 'como se deve viver' ou 'como nós devemos viver?'

Assim, é razoável pontuar que ética é querer certo bem geral e mais correto ainda é a defesa do raciocínio que, uma vez que existam as condições materiais e técnicas indispensáveis para a concretização desse bem, devemos somar esforços para que tal prática seja universalizada a todos.

Segundo Thugendhat, "outra definição terminológica possível do termo ético é diferenciando-o do moral, compreendê-lo como a reflexão filosófica sobre a moral." (THUGENDHAT, 1996, p. 41).

Não há dúvida que na contemporaneidade visualiza-se uma espécie



de tragédia em nossa história ou o esquecimento da ética. Em seu lugar, os homens colocaram ‘sistemas éticos’, com normas e leis tidas por universais, mas sem uma fundamentação que seja compartilhada por todos. Daí a necessidade premente de uma reflexão contínua sobre nossos costumes. Afirma que “(...) na ética supõe-se uma reflexão sobre valores reduzida ao individual e ao inter-humano”. (THUGENDHAT, 1996, p. 11).

NOTAS

*Para saber mais, acesse o vídeo da Unidade I da disciplina.*



Por fim, fazendo jus aos escritos de Vásquez que nos brinda com a expressão de que as normas vigentes têm um caráter temporal e uma forte conotação com a espontaneidade, enfatizamos seu destaque:

A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal. (1999, p.69).

Em congruência com a máxima acima mencionada, e ressaltando a relação imprescindível entre a eticidade e a personalidade, Lima Vaz conceitua consciência moral “como o necessário lugar de mediação entre a existência ética como existência pessoal por definição e o universo ético como horizonte objetivo de agir, cuja realidade é proposta à pessoa, sobretudo sob a forma de normas e instituições”. (LIMA VAZ, 1998, p. 462).

Por fim, é mister evidenciar que diante de tudo isso, fica cada vez mais cristalino que educação é geralmente considerada um empreendimento moral. Os professores estão sempre chamando a atenção para o que deve ser dito e feito, e para o modo como os estudantes devem comportar-se. Eles estão empenhados em transmitir valores morais e em aperfeiçoar o comportamento individual e social. (KNELLER, 1971).



## *Fundamentos de democracia*

A acepção da palavra democracia é de fácil entendimento e sua matriz advém da expressão grega 'demokratía' com a composição dos termos 'demos' (povo) e 'kratos' (poder). Rechaçada pela filosofia clássica, teve em Platão seu mais elitizado adversário.

Como de praxe, utilizando alegorias e analogias, Platão recorre ao comparativo das profissões com a clássica afirmativa: "se tivéssemos doentes, e precisássemos de nos aconselhar com alguém em matéria de saúde, procuraríamos um especialista, o médico". (WOLF, 2004, p. 1).

No entendimento dos sábios filósofos, 'demokratia' estava associada à paixão, logo, vulnerabilidade e instintividade, ao invés do logos, do pensamento. Nesse sentido, os critérios de sabedoria e competência pautavam o contexto histórico e o raciocínio de que a saúde do Estado tivesse importância igual ou maior que a saúde do indivíduo era regra.

Foi Jean Jacques Rousseau, em 'Contrato Social', que trouxe para a modernidade a revitalização do conceito de democracia e sua relação com necessária soberania popular. De forma criativa e contextualizada fez uso do discurso da vontade da maioria como elemento de grande importância para a transformação do século XVIII e com implicações até hoje verificáveis no tempo presente. Neste contexto, coroava-se a denominação democracia delegatícia ou democracia representativa, muito presentes do tempo em que vivemos.

Recentemente, o filósofo e professor da USP, Renato Janine Ribeiro, apresentou em 'A Democracia', livro da coleção Folha Explica, o que é a democracia moderna e levantou a questão: ainda pode haver democracia?



Para Ribeiro (2013), democracia está no campo do desejável e da pulsão, da socialização dos bens e no clamor de muitos, mesmo que impossível ou contrário à questão legal.

Há na literatura nacional um número significativo de trabalhos acadêmicos que versam sobre nossa democracia, porém ainda não consolidada. Durante a passagem do regime militar (1964 - 1985) para o regime democrático (1985 - 1989) ratificou-se a expressão transição democrática ou redemocratização, sugerindo um período de mudanças institucionais que devolveria ao Brasil um momento de maior cristalização da democracia representativa. Vários intelectuais debruçaram-se na compreensão de um conceito de democracia que atendessem à atualidade do mundo contemporâneo em suas diversas nuances.

J. Habermas ao escrever 'Direito e Democracia' enfatizava a importância de um direito legítimo dando luzes à expressão deliberação e que esta nova modalidade de democracia somente se constituiria em sua plenitude se houvesse procedimentos deliberativo-decisórios que permitisse que mais opiniões, tematizações e questionamentos de todos os envolvidos possam ser apresentados em igualdade de condições nos processos formais de geração da vontade coletiva. (HABERMAS, 2000).

Sobre o debate contemporâneo se temos ou não uma democracia consolidada e estável, segundo Juan Linz, autor brasileiro, é necessário avaliar o grau de maturidade da democracia considerando a existência ou não dos seguintes itens: sistema de leis; sociedade civil; sociedade política; Estado e sociedade econômica. Na ótica deste estudioso da história brasileira a resposta não é positiva.

O Brasil é um caso de democracia não-consolidada. Parte dos problemas se deve ao fato que a transição sofreu como limitações impostas tanto pelos



militares quanto pela crise da dívida. Porém, se a democracia vier a sofrer um desgaste ainda maior, no Brasil, isso se deverá a que a democracia brasileira foi incapaz de solucionar problemas surgidos após a transição. Nossa breve análise dos cinco componentes críticos de uma democracia consolidada – um sistema de leis e justiça aos quais os cidadãos possam recorrer, uma sociedade civil capaz de dar voz a suas reivindicações, uma sociedade política que saiba agregar essas reivindicações, um Estado que desempenhe as funções coletivas de importância vital e uma sociedade econômica que produza tanto impostos quanto riqueza – indicam que, em cada um desses campos, há pontos de escolha onde a adoção de determinadas políticas poderia melhorar a situação. (LINZ; STEPAN, 1999, p. 224-225).

NOTAS



# O FUNDAMENTO DA CONSCIÊNCIA: O DESEAFIO DO EXISTENCIALISMO NA EDUCAÇÃO

Entre diversas correntes filosóficas que buscaram aproximar-se da questão educacional, possibilitando fundamentos que solidificasse o caráter da autonomia e da capacidade de pensar por si mesmo com ingredientes de liberdade e responsabilidade, reconhecem-se os fundamentos do **existencialismo**. Não foram todos seus arautos que trataram da relação existencialismo e educação. Martin Buber é a grande referência, pois diretamente enfrentou o desafio de relacionar existencialismo e educação com posicionamentos distintos das filosofias consideradas tradicionais como a metafísica, por exemplo. Em vários fragmentos acerca da função educadora do professor existencialista evidenciou que os homens podem descobrir as verdades fundamentais de sua própria existência, defendendo uma educação voltada para a condição humana, procurando transmitir estados de sentimento em uma experiência pessoal.

NOTAS

*Para saber mais, acesse a videoaula.*



O recorte que pretendemos dar ao inserir o enfoque existencialista na prática educacional contemporânea é a valorização da realidade vivida. A postura de instigar o alunado à prática da responsabilidade e das conseqüências, valorizando a autonomia e a subjetividade de cada um vem ao encontro de fortalecer boas escolhas e boas práticas, indo além da familiaridade e estabelecendo uma interatividade de confiança, comunhão e auto-realização. (BUBER, 1982).

O fundamento existencialista, nesse sentido, explicitamente concebe a ideia de que os conteúdos escolares devem converter-se em instrumentos para a realização da pessoa humana, buscando envolver o aluno para decisões que podem mudar sua vida com verdades concretas, em especial suas verdades.

Nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos imaginar, pois envolve toda a humanidade. E mesmo quando não fazemos nada, quando nos omitimos, também somos responsáveis, justamente pela omissão, pois também é uma escolha: escolha do não agir. De todo modo, não há como fugir de nossa liberdade, estamos a todo o tempo fazendo escolhas. Porém, a má-fé é também estrutura constituinte do para-si, então, estamos constantemente procurando nos afastar da nossa liberdade e responsabilidade, atribuindo a responsabilidade pelas nossas escolhas e pela nossa situação a outras instâncias, como sociedade, governo, escola, família, igreja, televisão. (HILGERT, 2013).

A educação desempenha papel fundamental na busca pela emancipação humana, para muitos teóricos, ela é o instrumento que pode proporcionar o rompimento com os elos da alienação na qual a humanidade se encontra. (...) Esta nova postura é como uma 'tomada de consciência' que torna o sujeito-estudante capaz de refletir, explicitar e desejar suas experiências no mundo. (HILGERT, 2013).



Precisamos também considerar, mesmo que custoso, a relação de outro nome expressivo do existencialismo contemporâneo com a problemática educacional.

Há um debate promissor sobre a possibilidade de incluir Jean Paul Sartre em uma possível fundamentação teórica que relacione existencialismo e educação. Apesar da existência de críticos consistentes desta aproximação, alegando uma apologia individualista que seria contrária às virtudes humanísticas, podemos compreender que a preocupação deste autor com o outro é digna de uma proposta educacional que considere o ser social. Para Sartre, o ser humano não é apenas um ser-para-si, mas um ser-para-outro. Por si só este aspecto o credencia a ser um instrumento de reflexão para uma educação consciente preocupada com a sociedade, ou ainda, um ser-em-sociedade. Além disso, podemos visualizar nas linhas sartreanas uma posição que busca despertar as pessoas quanto à não existência de liberdade em nossa atual sociedade, portanto estimulando os estudantes a uma maior percepção social. (BURSTOW, 2000).

Mesmo Sartre não direcionando uma publicação singular para se estabelecer conexão com uma prática educacional mais consciente ou uma pesquisa pontual que privilegiasse um modelo de prática educacional, podemos ver em fragmentos de outras publicações um apelo ao real entendimento da realidade humana sem uma visão determinística e estanque que, via de regra, inibe fundamentos caros ao ser humano como a liberdade, a autonomia, a escolha e a responsabilidade. Não é demais lembrar que um dos temas mais festejados por este autor é a defesa de que somos um projeto, dotados de uma pluralidade e em gradativa construção, repleto de possibilidades, reféns apenas de nossas escolhas e encaminhamentos.



Assim, entendemos que o pensamento de Sartre pode ser muito interessante na medida em que suas idéias possibilitam o esclarecimento e, conseqüentemente, uma vivência mais plena, comprometida, singular e com forte ingrediente de autenticidade.

NOTAS



# Referências

ALVES, Rubem. Caro Senhor Ministro da Educação. Folha de São Paulo, 27 de maio de 1998.

BOFF, Leonardo. Ética e Moral: a busca de fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUBER, Martin. Da função educadora. Revista Reflexão. Campinas, n. 23, p.5-23, maio/ago de 1982.

BURSTOW, Bonnie. Revista Educação & Sociedade, ano XXI, n. 70, abril de 2000.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania: tipos e percursos. (1996). <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2029/1168>. Acesso em 20/01/2015.

GILES, Thomas Ransom. Filosofia da educação. São Paulo: EPU, 1983.

GONÇALVES, Márcio Souza; CLAIR, Ericson Telles Saint. Comunicação e filosofia hoje. 2008. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/scientiamedica/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4411/3310>. Acesso em 18/01/2015.

HABERMAS, J. Direito e Democracia: entre facticidade e validade. v. 1 e 2 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

HILGERT, Luiza Helena. O Existencialismo sartreano e a educação. 2013. [http://itinerantenretoledo2.pbworks.com/f/oficina\\_luiza.pdf](http://itinerantenretoledo2.pbworks.com/f/oficina_luiza.pdf), Acesso em 15/02/2015.

KNELLER, George F. Introdução à Filosofia da Educação. ed. 8. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

LINZ, Juan L; STEPAN, Alfred. A transição e consolidação da democracia – a experiência do sul da Europa e da América do Sul. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



LIMA VAZ, Henrique C. Crise e verdade da consciência moral. Belo Horizonte: Síntese nova fase, v. 25, n. 83, 1998.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

RIBEIRO, Renato Janine. Democracia. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

TUGENDHAT, Ernst. Lições sobre ética. Petrópolis: Vozes, 1996.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

WOLF, Jonathan. Platão contra a Democracia. Tradução de Maria de Fátima St. Aubyn. Retirado de Introdução à Filosofia Política, de Jonathan Wolff (Lisboa: Gradiva, 2004). [http://criticanarede.com/fa\\_15excerto.html](http://criticanarede.com/fa_15excerto.html). Acesso em 10/02/2015.

### *Sites consultados*

<http://conceito.de/democracia>

<http://www.significados.com.br/educacao/>

<http://www.mundoeducacao.com/filosofia/existencialismo.htm>

[http://itinerantenretoledo2.pbworks.com/f/oficina\\_luiza.pdf](http://itinerantenretoledo2.pbworks.com/f/oficina_luiza.pdf)

